

GUERRAS CISPLATINAS: MANUSCRITOS DA BN

Dr^a.Francisca Nogueira de Azevedo - UFRJ*

O projeto, Guerras Cisplatinas: manuscritos da BN (1808-1828) têm dois objetivos principais: produzir um guia de fontes que sirva como instrumento de pesquisa, - facilitando o máximo o trabalho do historiador - tornando possível à consulta e conhecimento do acervo sobre os conflitos cisplatinos da seção de Manuscritos da BN, e criar um conjunto de textos buscando atender às exigências prementes da revisão da historiografia sobre o assunto.

A seção de Manuscritos abriga um conjunto documental riquíssimo sobre a América espanhola, o qual se concentra especialmente nos países platinos, cujo número estimado de obras atinge aproximadamente a 3.000 volumes (deve-se destacar que muitos desses volumes abrigam vários documentos), composto por livros, crônicas, relatos de viagens, discursos, artigos, cartas, projetos de constituições e leis, decretos e outros documentos oficiais, tratados de limites, etc. Merecem destaque três grandes Coleções: a De Angelis, a Wallenstein e a Martins. A coleção Wallenstein é a mais vasta sobre o Rio da Prata e se compõe, principalmente, de correspondência, ofícios e memórias referentes à guerra Cisplatina.

As Guerras Cisplatinas, no âmbito historiográfico tem sido estudada sob o enfoque de uma historiografia nacional que se sustenta em dois princípios, recorrente ao longo de todo o século XIX. O primeiro deles argumenta em torno dos direitos do Império brasileiro sobre a região Cisplatina, o outro, ressalta a importância do Brasil enquanto defensor de uma ordem, por oposição às lutas oligárquicas e divisionistas, e símbolo de um projeto civilizatório em contraposição à cultura caudilhesca, representação da barbárie.

Para este texto selecionamos um documento que por suas características foi considerado umas das fontes mais interessantes arroladas até o momento. Trata-se de uma novela histórica cuja trama se baseia na história de um espanhol que depois de ter

assistido os exércitos franceses derrotarem as tropas espanholas e seguirem em direção Andaluzia, - onde o governo de resistência tinha se estabelecido - o protagonista embarca em Cádiz para Montevideú chegando à cidade em 25 de maio de 1810, quando estoura a revolução em Buenos Aires.

É importante ressaltar o papel desempenhado pela novela histórica durante o século XIX. A novela histórica configurar-se definitivamente como gênero no século XIX, através da novelas do escocês Walter Scott (1771-1832). No entanto, as novelas históricas não se restringem apenas a uma questão de gênero, mas do que isso, serviram ao projeto ilustrado forjando as condições sociais de uma nova ordem política¹

Na Espanha de 1809, invadida por tropas francesas, o debate entre o estrangeiro e o espanhol torna-se um dos temas principais das novelas da época. A novela se converte assim, em uma arma poderosa que luta contra o invasor e serve de escudo para os valores nacionais, fomentando, um sentimento de identidade nacional. Como na Espanha, na América a guerra de independência exigiu enfrentar o passado de uma maneira comprometida, já que o presente e o passado se confrontavam frente à crise política. O momento histórico e o novo espírito que resulta dele, obriga tanto aos espanhóis quanto aos americanos a definir sua identidade em termos de diferença cultural e de produzir um novo historicismo mais articulado às novas realidades, a fim de fundamentar as implicações do passado no presente.

O encontro da novela e história que parece inicialmente tão inquietante por sua ambigüidade, na América latina acontece sem traumas. A novela histórica latino-americana se sustenta em uma tradição que não concebe a contradição entre novela e história, mas ao contrario, combina essas duas vertentes. Esta tendência pode ser observada desde os começos das escrituras sobre a América, isto é, desde as Crônicas, que se constituem como relatos fundantes do novo continente. A América começa ser narrada e, portanto, vai se delineando como realidade frente a Europa a partir das crônicas, cartas, diários, e relatos dos primeiros conquistadores. O europeu que chega as terras americanas se encontra com

as imagens alucinantes do novo mundo que se sobrepõem aos velhos moldes dos cronistas medievais. Daí então que a ficção é um elemento inseparável dos relatos que narram a América.

No documento que vamos tratar, o narrador se coloca anônimo e tem como figura central um português que é identificado como o senhor Costa, que seria um secretário em Lisboa. A novela se desenrola num espaço amplo que engloba a Espanha, América espanhola, particularmente o Rio da Prata, e o Brasil. A temporalidade se estende de 1810 a 1823, ou seja, num período bastante conturbado, quando as lutas pela independência deflagram um processo de disputas de diferentes soberanias, aprofundadas pelos interesses internacionais no mundo ibérico.

A história se divide em três partes. A primeira parte corresponde à chegada do narrador a Montevidéu, e a partir daí ele descreve a crise gerada pela Revolução de maio em Buenos Aires e a resistência de Montevidéu. Inicialmente, a narrativa discorre sobre a situação que o autor encontra a cidade de Montevidéu, que depois da revolução de Buenos Aires passa a ser refúgio dos realistas. Comenta a nomeação do novo vice-rei Javier Élio, que diante da ameaça dos revoltosos buenairense pede ajuda ao Brasil, que envia tropas à região, comandadas por D. Diogo de Souza Coutinho. O autor/narrador assinala a desconfiança que Élio tem em relação às manobras militares do exército brasileiro e diante desse fato, busca um armistício com Buenos Aires “sendo as condições que estes se retirarão deixando a banda Oriental livre para nunca tentarem sobre ella”.

Num segundo momento, é introduzido um dos personagens centrais da novela o português, Sr. Costa, que teria viajado com o autor para Montevidéu. Através do diálogo entre os dois se estabelece um discurso de ordem moral e ética sobre a sociedade americana, razões da revolução, ideologia política e política européia, com destaque, como não podia deixar de ser, ao papel desempenhado pela França e Inglaterra.

Segundo a opinião do Sr. Costa “os americanos não indígenas são filhos dos hespáchos, herdando assim algumas de suas virtudes e vícios”. Destaca ainda, que os

ingleses, franceses e russos “tem os americanos hespanhoes pelos mais escravos dos homens, isto não he de estranhar, quando o m^{mo} juizoz fazem do pôvo hespanhol de Europa que os tem nas próprias barbas”.

Dando continuidade a conversa o Sr. Costa fala do passado americano recorrendo a imagens gravadas por Las Casas do paraíso terreno no Novo Mundo. Em suas palavras, a miséria não era conhecida nesta parte da América e que a abundância havia produzido hábitos doces, paz interna e haveria igualdade entre os países. Menciona a grande quantidade de universidades, e colégios que colocavam a América em vantagem em relação à Europa, afirma que “a plebe americana não se compara a bestial da Europa”.

Para o Sr. Costa a causa imediata da revolução na América foi a invasão napoleônica a Espanha, “o que fez levantar-se diversos governos, ainda que ilegais”. Sobre a política européia o português declara: “Vm^{ces} me tem perguntado que juizoz formo eu sobre a política da Europa, e particularmente sobre a inglesa, Bonaparte rompêo os eixos do carro de sua primeira política, e agora anda de rastros, ou para melhor dizer, já não tem nenhuma, porq^e os acontecimentos o dominaram. Os outros pontentados da Europa se dão p. felizes de chegar à meia noite. porém outra cousa passa entre os ingleses. Carthagineses no engano, Romanos na força, elles serião os mais estúpidos dos homens se segundo o estado das cousas a que são, não fossem. Cada desposição que se toma na Europa, por huma rotação conseqüente sobre ellas, se converte em meios imensos de poder e de riqueza p^a elles, e de opressão vergonha, ignomínia, e dependência p^a a Europa. O território inglês, o seu clima tem aos ingleses q elles nada serão, se a Europa não se converter alternativamente em lagos de sangue, em poder e liberdade temporária, em escravos, em sábios e estúpidos. Muitos tem dito que a Inglaterra favoreceu a liberdade da Europa, histo he verdade, porem também o he que em Inglaterra se forjão cadeias de escravidão...”. Refere-se a intrigas dos ingleses e diz que “entre os ingleses tudo he maquinismo e que tudo para eles se moveria pelo interesse comercial.”

Continuando sua apreciação sobre os ingleses o Sr.Costa faz observação de que para ele a nação inglesa esta dividida em 3 partidos. O primeiro, “partido comercial que estaria incumbido de roubar legal ou ilegalmente as nações, deitando deste modo os allicerces a ruína dos Estados”; o segundo Radical, “este tomou a seu cargo consumir a obra sublevando os povos contra os governo, com escritos com dinheiro, com intrigas e com homens”. O terceiro, Constitucional, “este se incubio de rebelar os governos contra os povos”.

Ao falar das mulheres ressalta que as espanholas tinham mais educação, beleza que as européias. Termina esta primeira parte anunciando que D.Diogo e seus exércitos acamparam no rio São Francisco, depois se dirigiram para as Missões e depois para Rio Grande. Buenos Aires ao saber as manobras das tropas brasileiras sublevou a Banda Oriental e promete invadir Montevidéu. Diante da ameaça da invasão o autor parte, em 1812, para o Rio de Janeiro. Chegando a capital do reino do Brasil narra assim o que vê: “vi hum povo desmamado por mulheres silvestres, sem poder, escravas, que se apresentam no meio da rua nuas em pelô”

A segunda parte tem como eixo narrativo um triângulo amoroso. O Sr. Costa, Ramona, filha de um inglês, e o narrador. O romance começa quando o Sr. Costa salva um velho inglês, que era pai da Ramona de um incidente. O autor conta que o velho inglês, Archs, tentava colocar uma ponte de madeira sobre um riacho quando caiu, “os escravos como escravos tinham a alma de barro, ficando parados a observarem a luta que seu senhor tinha com a morte”. O velho Archs foi salvo pelo Sr. Costa. O Sr. Costa torna-se professor de francês de Ramona e por ela se apaixona. O autor procura explicar o romance entre os dois: “não pense Sr. Costa , que principiou Ramona talvez a quere-lo por que libertou seu pai,mas sim porque a cometeu uma ação arriscada, a mulher como fraca quer quem a defenda”

Entra na história um novo personagem, Sr.Dias, que escreve contando a rendição de Montevidéu, culpando a Corte do Rio de Janeiro pelo ocorrido: “a corte do Rio de Janeiro

tinha por vias indirectas contribuído p^a aquella desgraça, porq^e, não tinha perdido a esperança de apoderar-se de Montevideú”

O autor/narrador confessa estar apaixonado por Ramona e passa a pensar como tirá-la do Sr. Costa: “homens hypocritas e que me julgarei inconseqüentemente, sabe eu não fiz então mais que emitir a todos os homens, eu não pençava senão na m^a. felicidade, eu fazia o mesmo que Sr. Costa fazia, e faria no meu lugar, elle corria em procura de seu bem, fugia da dor e procurava o prazer”. O autor acaba confessando ao Sr. Costa seu amor por Ramona.

Novo personagem entra na trama, um negociante inglês amigo do Sr Archs, que teria chegado da Europa e descreve a derrota e o discredito de Napoleão. “Blasfemarão dos Bourbons, vierão e os amarão, os amarão, e os atraçoarão, o m^{mo} acontecco a Bonaparte cujo o nome só pronunciam já p^a denegrir sua memória immortal. Finalmente hum tal povo sua opinião nem honra, nem deshonor ninguém. Talieu o mesmo que açacinou a Robespier, e que assestio à Batalha don Waterloo, quando a vio perdida, correo para Lile aonde estava Luiz desoito, e foi o primeiro que eu vi n’aquella Praça com um tope maior que uma folha de cove”.

A segunda parte termina em 1820, com Sr. Dias partindo para o Peru pelo interior do Brasil.

Na terceira parte o autor desloca o local da narrativa, e para justificar tal opção, conta que em janeiro de 1820 havia caído doente e que o médico o teria aconselhado a mudar de “terra”, assim partiu para Europa. Em direção ao Velho Continente, chega à Bahia em 09 de junho de 1820. Ainda na Bahia soube da revolução portuguesa de 1821. Comenta ainda a chegada de dois deputados provenientes do Peru que iam para Espanha “justificar a deposição, perante o governo hispanhol, do vice-rei Possuella, e pedir a aprovação deste acto”. Há um jantar oferecido aos deputados, em que participa o narrador, um inglês e um português conhecido por Sr. Silva. Um dos deputados faz longos comentários sobre o destino do Peru e da América meridional. A conversação versa sobre o papel da Inglaterra

e da França nos destinos da América. Segundo um dos deputados peruanos a França teria começado a tramar sobre a América em 1815, “O governo frances conveciou com Fernando nossa ruina, uma esquadra francesa foi a Lima levar os arranjos e comprar o vice-rey: Nos sobemos isto, e o depusemos (...) . o convenio entre Fernando e a França tinha por base lançar-nos na anarquia, e deste modo ser-nos vencidos pela revolução americana: A França se encarregava soffucar esta, ou auxiliar para isso.”

Entra a fala do Sr Silva considerado pelo autor um português muito ilustrado. Sr. Silva trata dos problemas dos Brasil, a revolta do Porto e o Fico, considerando que não há condições para sustentar a independência. Considera o povo brasileiro “fraco, composto de escravos e tiranos”. Questiona como 20 mil portugueses, que compunham os exércitos no Brasil, puderam ser sitiados por 2 500 rapazes “mulatinhos, rotos, pobres, mal armados e mal mandados”.

A crise no Brasil se agrava e o narrador anota que em 1823 um Coselho resolve pela evacuação da Bahia, então ele parte para Londres. Em Londres encontra novamente o Sr. Costa. Reúnem-se amigos, refugiados espanhóis e agora as conversas têm como pauta o liberalismo e os movimentos anticlericais. Ao grupo junta-se um cônego que discursa contra os liberais “com estandartes diverços que cobrião milhares e milhares de criminosos os ajuntarão debaixo de hum só, este estandarte pois, he o liberal. As bases de seus princípios he o extermínio, a irreligião, a licença a tyrania, confusão, roubos, incêndios e profanações”. O capitão peruano, que também tinha chegado a Londres, rebate os argumentos do cônego: “Eu não falo agora das perfídias do clero pelo lado de religião, porém sim direi que m^{mo} modo tem vendido a pátria venderão da maneira mais indecente e escandalosa, aniquilando a piedade dos hespanhoes, aos que nem consentirão moreer em paz, nem seus cadáveres ter licença de apodrecerem sem fortes contribuições, e ainda mesmo depois de destruhida a organização animal, o clero cravara as unhas nas sombras dos que morrião, e estas também erão esfoladas, nos seus pacentes”.

A novela termina como toda grande novela do dezenove; relações passionais, ciúme e morte põem fim a história de amor do Sr. Costa e Ramona. Sr. Costa narra sua tragédia:

Conta que em uma noite morto de ciúmes vai à casa de Ramona e se esconde. Quando parece que todos estão dormindo ele ouve passos em direção ao quarto da amante, então ele os segue. Cego de raiva na escuridão do quarto acreditando que estava sendo traído apunhala alguém, era uma escrava. Ramona que tinha ouvido o barulho fugiu para um canto do quarto e assim conseguiu livrar-se da morte. Todos acordam assustados e vão até a cena do crime. Archt, pai de Ramona, mediante a tal quadro e vendo o desespero de ambos, percebe o que havia acontecido. Costa agride Archt e pega Ramona, contudo os escravos tentam impedir, trava-se um luta e Costa é golpeado na cabeça. Voltando para a cidade ferido, ele pede ajuda ao cirurgião Queirós, que vai à casa de Archt. O cirurgião tentando contornar a situação acaba confessando que Ramona está grávida. O pai no alto de seu desespero espanca Ramona. Em razão da surra ela aborta a criança, resistindo apenas nove dias, quando também morre. Ramona deixa um bilhete para seu amante com pedaços de seus cabelos e do filho.

Depois de dois meses Costa e o narrador embarcam para Lisboa, onde Costa permanecerá fiel à memória de sua “esposa”.

Os limites deste texto não nos permitem aprofundar a análise das possibilidades desse discurso. Gostaria de concluir assinalando apenas que novelas têm um grande impacto na sociedade da época, isso se dá porque as novelas enfocam as vicissitudes de uma vida comum, inserindo sentimentos e emoções à narrativa histórica. A novela histórica ao partir de uma narrativa no âmbito do particular, local e cotidiano, logra recuperar e formular aspectos do passado nacional silenciados ou simplesmente esquecidos, tratados como irrelevantes na historiografia oficial.

* Colaboraram neste artigo como auxiliares de pesquisa, Roberta Texeira Gonçalves (PIBIC -UFRJ) e Jorge Fernando da Conceição de Moraes (PIBIC-UFRJ).

¹ Maria Jose Punte. *Novela e historia em Latinoamérica. Esbozos desde la teoría narrativa de Paul Ricoeur*. Cuadrum 9, CICSH, Universidade Autónoma Del Estado de México, 1998.pp.84-90.